MUNICÍPIO DE ALCOCHETE

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Sessão solene do 25 de Abril de 2017

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Exmas. Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores,

Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia,

Exmos. Senhores Presidentes das Assembleias de Freguesia,

Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal e demais eleitos,

Distintos Convidados, Trabalhadores da Autarquia, Público Presente.

Nas vésperas da revolução ouviam-se as baladas proibidas, entre outras, do Zeca e ficávamos conscientes dos "Vampiros" que adejavam sobre as nossas cabeças, e de como seria impossível existir um "Machado que cortasse a raiz ao pensamento"…

Muitos de nós elegemos então os nossos heróis, Catarina,

Bento de Jesus Caraça, Humberto Delgado, Os evadidos de Peniche, Os sobreviventes do Tarrafal…e quando os jovens capitães decidiram decretar o fim da guerra colonial, logo nas ruas, nos campos e nas cidades, o povo, bradou que "Unido jamais seria vencido"…

Quando a peçonha voltava a investir sobre o "Sangue fresco da manada", para exorcizar o pesadelo, novamente se fazia ecoar a "Grândola Vila Morena", para bem recordar que o verdadeiro pai da democracia ecoou quando se ouviu que "É O POVO QUEM MAIS ORDENA!".

Recordar pois, nesta data, o Zeca é para nós um absoluto acto de justiça.

Minhas senhoras e meus senhores,

Ao comemorarmos hoje o 43º Aniversário da Revolução do 25 de Abril e neste acto de elevação dessa gloriosa madrugada e do processo que se seguiu, celebrámos, a luta heróica de anos e anos de resistência e combate ao fascismo, o sacrifício e a coragem de gerações de portugueses. A todos esses

combatentes democratas e antifascistas a nossa sentida homenagem e o nosso profundo reconhecimento!

Celebrámos no ano transacto, na sessão solene da Assembleia Municipal, o feito valoroso dos capitães de Abril, que nessa inolvidável madrugada abriram as portas à liberdade e à democracia e aos quais, mais uma vez e sempre, renovamos o nosso apreço e gratidão.

Celebrámos o levantamento popular que imediatamente irrompeu nessa manhã libertadora, que transformou a acção militar num processo que abriu caminho a uma verdadeira revolução democrática.

Celebrámos a energia combativa e a criatividade revolucionária das massas populares no apoio e na defesa da Revolução, na consolidação e construção da democracia e na sua decisiva luta na concretização de profundas transformações económicas, sociais, políticas e civilizacionais que se traduziram em grandes conquistas dos trabalhadores, do povo e da Revolução de Abril.

Será sempre obrigatório recordar igualmente que também o Poder Local democrático nasceu do 25 de Abril e foi consagrado constitucionalmente, instituindo-se como factor fundamental de desenvolvimento do País, promovendo a realização de infra-estruturas múltiplas, antes apenas miragens, constituindo-se os municípios e as freguesias como os principais promotores da cultura, do desporto, da fruição do lazer e dos tempos livres em todos os concelhos e regiões.

Em Alcochete, a democratização, o desenvolvimento e a construção do Poder Local foi um processo integrador e participado, que envolveu e continua a envolver a população, num movimento colectivo, rico e variado, mas que também tem os seus detractores entre os que nunca se reviram nem se revêem nos valores de Abril.

Alguns deles, aqueles que nada fazem por este Concelho e o que de melhor fazem é criticar, vão-se escondendo por cobardia em locais menos apropriados, pondo em causa a todo

o momento o trabalho das autarquias ou porque se realiza trabalho ou porque nada se faz.

Sem qualquer conhecimento de causa, revelam pouca sabedoria, mentindo à população de uma forma abjecta e por vezes abusiva, renegando aos espaços de discussão que o Poder Local lhes proporciona, onde por vezes, até como eleitos, se inibem de o fazer, e quando o fazem caem com alguma frequência em contradições perfeitamente primárias e inoperantes, já para não falar da falta de civismo que alguns por vezes demonstram.

Caros colegas autarcas, minhas Senhoras e meus Senhores,

O Poder Local de Abril, por encerrar em si um modelo profundamente democrático de desenvolvimento local que determina ainda hoje a acção da grande maioria dos eleitos autárquicos por todo o País, tem sido alvo dos mais diversos ataques.

Têm sido sistemáticos os problemas colocados às freguesias e municípios, com destaque para o subfinanciamento em relação ao exercício das competências atribuídas, o incumprimento reiterado das diversas leis das finanças locais, em prejuízo das autarquias e das populações, a constante intromissão do poder central, procurando limitar e fazer regredir a autonomia política, administrativa e financeira constitucionalmente definidas. Esta tendência agravou-se nos últimos anos, com os anteriores governos, que desferiram golpes profundos na autonomia das autarquias, sobretudo aos níveis administrativo e financeiro, com limitações graves à contratação e à gestão do pessoal; bem como com cortes indevidos e ilegítimos na transferência das verbas a que o Poder Local tem direito, na repartição da receita dos impostos do Estado, realidade que veio agravar a perda de receita própria pela degradação da situação económica geral do País, pelo efeito de políticas de roubo do rendimento dos portugueses, afectando direitos e

expectativas de progresso social, em benefício dos grandes interesses financeiros e especulativos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Ao longo dos últimos anos vivemos acontecimentos extraordinários que golpearam os sentimentos e as aspirações das populações e conduziram ao empobrecimento do nosso país.

A actuação do anterior governo PSD/CDS-PP, refém de interesses particulares, nomeadamente partidários, para além da amputação de cerca de mil freguesias sem qualquer estudo sério e credível, procedeu à destruição do estado social, demonstrou inequivocamente que a direita que nos governou escorou a sua acção governativa na indiferença pela sociedade e foi totalmente subserviente aos interesses do capitalismo financeiro e das concepções neoliberais da política. Não hesitou em atingir o cerne dos valores democráticos e os fundamentos da ordem jurídica ao não respeitar os direitos adquiridos e ao

afrontar de forma obstinada o Tribunal Constitucional com as suas propostas inconstitucionais designadamente em matéria orçamental o que introduziram factores de grande perturbação, com consequências graves que ainda hoje perduram, reflectindo-se igualmente no funcionamento do Poder Local que, como já foi referido, se tornou cada vez mais limitado de meios financeiros, se viu consequentemente mais golpeado nas suas potencialidades democráticas, na sua autonomia e na sua mais genuína dimensão participativa.

Estamos hoje, com a alteração da composição da Assembleia da República, em melhores condições para continuar a desenvolver pela concretização de medidas a favor dos trabalhadores e do nosso povo, e de levar mais longe esse combate. Não é um caminho fácil.

Por um lado estamos perante uma oposição claustrofobicamente irrevogável, semelhante a um coma induzido profundo, cada vez mais nervosa que continua a aguardar pelo "diabo e os reis magos" que teimam em chegar,

num estrebuchar cada vez mais acentuado e frenético, demonstrando um tacticismo político doentio, institucionalizando a mentira, demonstrando vezes sem conta um branqueamento amnésico, de forma absolutamente contraditória, como nada se tivesse passado nos seus terríveis quatro anos de governo. Esta irritada oposição quer recuperar o que perdeu e, para isso, utiliza tudo que estiver à mão, não interessa o quê. Apresenta-se com aquela carga de agressividade dos sem razão e dos perdedores como se o ataque fosse a melhor defesa.

Privada do seu complexo de superioridade que as eleições lhe deram, embora em minoria parlamentar, a direita em Portugal, controlada pelas elites financeiras e de compadrios, por oportunismo partidário, não se desvia, um milímetro da sua linha que, como se sabe não funcionou. Capturada por um neoliberalismo ideologicamente estrangulador, e por uma comunicação social que a protege, deixou de saber o que é a social-democracia e a democracia cristã a que dizem pertencer.

Apelida de forma inóspita e reiteradamente quem sustenta parlamentarmente a actual governação, elencando adjectivos inenarráveis, próprios de uma desorientação de quem não tem nada para contrapor, a não ser a intriga, a chicana política e a arruaça, como aliás temos vindo a assistir na Casa da Democracia, onde demonstram de uma forma absolutamente deplorável, a sua verdadeira face de comprometimento com o passado, de que são exemplos mais actuais, o que foi o seu desempenho catastrófico no sistema financeiro e na "fuga" de capitais para paraísos fiscais, em que despudoradamente afirmam "nada terem a ver com isso", quando foram eles os principais causadores de toda esta irresponsabilidade em que agora o País se vê confrontado.

Confrontamo-nos por outro lado com resultados que são ainda muito limitados, porque limitadas são ainda as políticas e as opções da acção governativa para dar resposta aos graves problemas nacionais que anos e anos de política de direita e de intervenção externa impuseram ao País.

Nós sabemos que era necessário e possível ir mais longe. Mas sabendo-o, não se podem subestimar ou desvalorizar os avanços que se deram na reposição de rendimentos e direitos dos trabalhadores, no estímulo às actividades dos micro e pequenos empresários, no reforço da garantia dos direitos à saúde, à educação, à segurança social, à cultura, dando expressão à luta do nosso povo, como a Revolução de Abril, aliás, nos ensinou.

Não esquecemos nem ignoramos não só onde estaríamos se a acção destruidora do anterior Governo tivesse continuado, nem esquecemos nem ignoramos as várias medidas que foram espoliadas.

Continuamos, porém, confrontados com as inaceitáveis pressões, manobras e chantagens da União Europeia, do BCE e FMI e de outros representantes do grande capital transnacional.

As limitações e insuficiências de um governo que resiste a libertar-se das imposições europeias, de uma discussão séria sobre a continuação no Euro, do domínio do capital monopolista e de outros constrangimentos, como o da dívida e do seu serviço, comprometem claramente a resposta que o País precisa para se afirmar no seu desenvolvimento e assegurar melhores condições de vida para os trabalhadores e o povo.

Mas é com a força do nosso Povo que continuaremos a resistir, resistiremos sempre, como nos habituámos com o 25 de Abril.

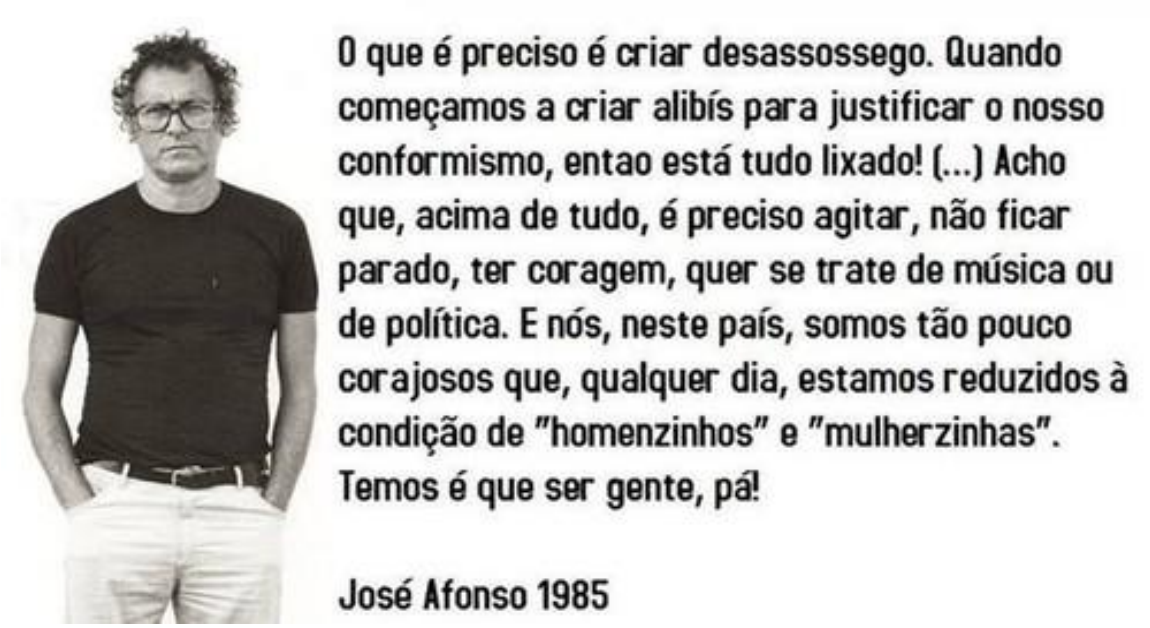
Porque hoje falar do 25 de Abril continua a não ser apenas palavras, por muito bonitas que elas possam ser. Isso qualquer um consegue fazer, ainda que falsamente. Elogiam o 25 de Abril e no fundo odeiam os valores de Abril. Falar do 25 de Abril não pode ser isso. Falar do 25 de Abril tem de ser com verdade, tem de ser com o coração. Mas falar de Abril tem de ser também uma evocação daqueles que contribuíram para que ele pudesse ter nascido. E hoje, como estamos em Alcochete, apetece-me

falar de Alcochete, e lembrar o seu povo. Um povo resistente, um povo que sempre lutou pela liberdade, no tempo em que era difícil e perigosa essa luta.

A safra do sal, durante o estio, era a principal actividade de equilíbrio do orçamento familiar de largas centenas de alcochetanos. Na verdade, ao longo de muito tempo, e até fins da década de 50, a indústria do sal foi uma das primeiras fontes de riqueza em Alcochete. Prestamos assim, nesta data gloriosa, a nossa homenagem aos "Salineiros de Alcochete", que há precisamente 60 anos tiveram em greve mais de cem dias, onde muitos deles conheceram as grades da prisão e foram alvo de torturas. É por essas e por outras, que colocamos sempre algumas reticências ao receber lições de democracia de quem quer que seja. Custe a quem custar, esta é a verdade nua e crua.

Esse orgulho que temos dos Alcochetanos que tanto lutaram e sofreram, como tantos outros o fizeram, para que um dia Abril

pudesse ter acontecido, exige de nós muito mais responsabilidade, muito mais empenho, para que assim possamos ser dignos de todos eles e dá-nos ainda mais força para continuarmos a Lutar por um Portugal mais justo e fraterno. Como dizia também Zeca Afonso já em 1985 e passo a citar:



Obrigado a todos estes alcochetanos antifascistas. Obrigado Zeca!

VIVA O PORTUGAL DE ABRIL!

VIVA O CONCELHO DE ALCOCHETE!